

AGRADECIMENTOS/ACKNOWLEDGEMENTS

Galerias Municipais de Lisboa, Sara Antónia Matos, Pedro Faro, Patrícia Guerreiro, Pedro Reis, Samuel Ferreira, João Chaves; Centro de Residências Artísticas – Matadero: Ane Rodríguez Armendariz, Bruno Leitão; ArtWorks: José Miguel Pinto, Ana Maria Trabulo, Maria D'Orey, Álvaro Oliveira, Bryan Martins; Studio In Blue Brazil: Leka Oliveira; Lejoslejos: Elisa Celda, Óscar Vincentelli, Adrian Cores del Río, David Villegas, Virginia Rita Luengo, Elena Galilea, Rafa Celda; Câmara Municipal do Porto (PLÁKA – Ágora – Cultura e Desporto do Porto); Embaixada de Portugal em Madrid – Cultura Portugal, Museu Nacional do Prado; Museu do Traje de Madrid; Real Jardim Botânico de Madrid; Câmara Municipal de Sevilha; Inland – Campo Adentro; PAISANAJE; KUBIKGallery; e/and Isabel Vieira, Alberto Vieira, Flávia Almeida.

GALERIAS MUNICIPAIS – GALERIA DA BOAVISTA

Rua da Boavista 50
1200-201 Lisboa

Terça-feira a Domingo/Tuesday to Sunday: 10h–13h e 14h–18h
Entrada livre/free entrance

Visitas guiadas por marcação/guided tours by appointment
mediacao@galeriasmunicipais.pt

www.galeriasmunicipais.pt



Apoio/Supported by



FLÁVIA VIEIRA

Galeria da Boavista

Curadoria/Curated by
Sofia Lemos

16.04–
31.08.2025

PAU – CAMPECHE

As árvores são um convite a pensar no tempo e a nele viajar como elas o fazem, paradas e estendendo-se em ramos e raízes.¹

As plantas não começam no início.² Emergem do meio, do âmago das coisas, nem inteiramente da terra nem plenamente do céu. Enraizadas no solo mas tentando alcançar a atmosfera, ligam continuamente os dois ambientes através do espaço e do tempo. Há muito tempo, a sua presença transformou a atmosfera da Terra, tecendo o ar que respiramos, transformando a luz em matéria e a possibilidade em forma. Definidas por um profundo entre-ser, as plantas não são intermediárias passivas mas agentes ativos de transformação, dissolvendo as fronteiras entre espécies, formas e modos de vida. A sua existência é uma «vida transitiva»,³ entrelaçada com tudo o que é e sempre foi.

A árvore do pau-campeche (*Haematoxylum campechianum*) encarna este cruzamento, formando histórias paralelas de comércio colonial e expressão artística. Nativa da América Central, o seu cerne ricamente pigmentado moldou tanto as paisagens materiais como simbólicas da Mesoamérica pré-hispânica. Antes de as potências coloniais o terem transformado em mercadoria global, o pau-campeche tingia corpos, têxteis e rituais em tons profundos de vermelho, preto e azul. A coroa espanhola rapidamente reconheceu o seu valor como pigmento, transformando a sua colheita numa indústria entrelaçada com o tecido da modernidade colonial.

Em 2023, durante uma residência no Matadero Madrid, numa parceria com a ArtWorks, Flávia Vieira iniciou a sua pesquisa que conduziu ao guião de *El Otro Color* (2025), uma obra de imagem em movimento que explora os arquivos do Museu Nacional do Prado, do Museu do Traje em Madrid e do Jardim Americano em Sevilha. Filmando à noite, captou os ramos e as folhas da árvore em movimentos lentos e circulares, revelando as suas profundezas através da luz cambiante. A sua escuridão dá lugar a detalhes de pinturas dos mestres espanhóis Diego Velázquez e Antonio Moro, entre outros, que retrataram os Habsburgos espanhóis em vivos tons negros entre as décadas de 1550 e 1630.

A voz de uma mulher lê fragmentos de uma conversa entre Vieira e o psicólogo José Luís Gomes, refletindo sobre a alteridade e a ambiguidade das relações humanas. Este diálogo levou Vieira a considerar o pau-campeche como elusivo objeto de desejo colonial – perpetuamente fora de alcance, mas sempre presente. Esta noção desdobra-se numa carta à árvore e transforma o filme numa expedição vegetal: do algodão ao papel, da casca à tinta, do vestuário ao poder, da perda ao arquivo, e das Américas à Espanha.

A vida transitiva do pau-campeche estende-se para além do ecrã numa instalação escultórica de grande escala na Galeria da Boavista: uma

varying shades of black are suspended. In a play of opacity, the fabrics, echoing the tones of Prado's paintings, reveal a life-sized metal and ceramic sculpture, evoking the tree's fragmented presence – out of joint yet still resonant.

Vieira, an artist trained in Fine Arts in Porto based in Brazil for the past fifteen years, works across sculpture, textiles, and ceramics to explore the cultural histories of making. Her research into natural dyes informs her concept of “botanical diasporas” – the ongoing entanglement of nature, history, and culture seeds migrate and plants are uprooted and transplanted elsewhere, affecting their environments. As a symbol of desire and displacement, *Pau-Campeche* reminds us that vegetal lives cast long shadows, whispering unfinished histories, inviting us to listen.

1 – Rebecca Solnit, *Orwell's Roses*. London: Granta Books, 2021, p.5.

2 – The idea that in vegetal life, everything starts from the middle stems from readings and discussions with philosopher Michael Marder over the years. See *Time is a Plant*. Boston: Brill, 2023; *Through Vegetal Being: Two Philosophical Perspectives* (co-authored with Luce Irigaray). Columbia University Press, 2016; *The Philosopher's Plant: An Intellectual Herbarium*. Columbia University Press, 2014; and *Plant-Thinking: A Philosophy of Vegetal Life*. Columbia University Press, 2013.

3 – Emanuele Coccia, *The Life of Plants: A Metaphysics of Mixture*. Cambridge: Polity Press, 2019, p.47.

Trees are an invitation to think about time and to travel in it the way they do, by standing still and reaching out and down.¹

Plants do not begin at the beginning.² They emerge from the middle, from the thick of things, neither entirely of the earth nor wholly of the atmosphere. Rooted in soil yet reaching for the sky, they connect environments continuously through space and time. Long ago, their presence transformed Earth's atmosphere, weaving the air we breathe, turning light into matter and possibility into form. Defined by deep interrelation, plants are not passive intermediaries but active agents of transformation, dissolving boundaries between species, forms, and modes of living. Their existence is a "transitive life,"³ entwined with everything that is and has ever been.

The *Palo-tinte* tree (*Haematoxylum campechianum*), also known as logwood or Pau-Campeche in Portuguese, embodies this entanglement, shaping parallel histories of colonial trade and artistic expression. Native to Central America, its richly pigmented heartwood shaped both the material and symbolic landscapes of pre-Hispanic Mesoamerica. Before colonial powers turned it into a global commodity, Palo-tinte colored bodies, textiles, and rituals in deep shades of red, black, and blue. The Spanish Crown quickly recognised its value as a dye, turning its harvest into an industry woven into the fabric of colonial modernity.

In 2023, during a residency at Matadero Madrid in partnership with ArtWorks, Flávia Vieira began researching what became the script for *El Otro Color* (2025), a moving-image work that explores the archives of the Prado National Museum, the Museo del Traje in Madrid, and the Jardín Americano in Seville. Filming at night, she captured the tree's branches and leaves in slow, circular movements, revealing their depths through shifting light. Their darkness gives way to the details of paintings by Spain's masters, Diego Velázquez and Antonio Moro, among others, who depicted the Spanish Habsburgs in vivid black hues between the 1550s and the 1630s.

A woman's voice reads fragments of Vieira's conversation with psychologist José Luís Gomes, reflecting on alterity and ambiguity in human relationships. This dialogue led Vieira to perceive Pau-Campeche as an elusive, colonial object of desire – perpetually out of reach, yet ever-present. This notion unfolds through a letter to the tree, transforming the film into a vegetal journey: from cotton to paper, bark to ink, clothing to power, loss to archive, and from the Americas to Spain.

The tree's transitive life extends beyond the screen into a large-scale sculptural installation at Galeria da Boavista: a metal structure meanders through the gallery space from which textiles dyed with *Palo-tinte* in

estrutura metálica que serpenteia o espaço da galeria e da qual têxteis tingidos com pau-campeche, em vários tons de negro, se encontram suspensos. Num jogo de opacidade, os tecidos escuros que ecoam os tons das pinturas do Prado, revelam uma escultura de tamanho real em metal e cerâmica, evocando a presença fragmentada da árvore que, apesar de desarticulada, continua a ressoar.

Formada em Belas Artes no Porto e radicada no Brasil há quinze anos, Vieira trabalha com escultura, têxtil e cerâmica numa exploração das histórias culturais do fazer. A sua investigação sobre pigmentos naturais informa o seu conceito de «diásporas botânicas» – o entrelaçamento contínuo da natureza, história e cultura à medida que as sementes migram e as plantas são desenraizadas e replantadas noutros lugares, impactando os seus entornos. Símbolo do desejo e da deslocação, *Pau-Campeche* recorda-nos que as vidas vegetais lançam longas sombras, sussurrando histórias inacabadas e convidando-nos a escutar.

1 – Rebecca Solnit, *Orwell's Roses*. Londres: Granta Books, 2021, p.5.

2 – A ideia de que, na vida vegetal, tudo começa pelo meio é o resultado de leituras e discussões com o filósofo Michael Marder ao longo dos anos. Ver *Time is a Plant*. Boston: Brill, 2023; *Through Vegetal Being: Two Philosophical Perspectives* (co-authored with Luce Irigaray). Columbia University Press, 2016; *The Philosopher's Plant: An Intellectual Herbarium*. Columbia University Press, 2014; e *Plant-Thinking: A Philosophy of Vegetal Life*. Columbia University Press, 2013.

3 – Emanuele Coccia, *The Life of Plants: A Metaphysics of Mixture*. Cambridge: Polity Press, 2019, p.47.

1

Negros, grises, azules, morados, 2025

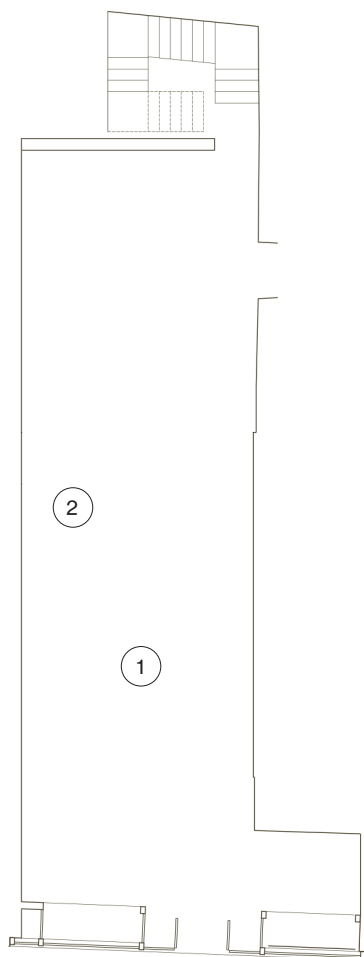
Aço e algodão tingido com pau-
campeche/steel and cotton dyed with
logwood

dimensões variáveis/variable dimensions

2

Palo de Campeche #1, 2025

Cerâmica e aço inoxidável/ceramics and
stainless steel
70×50×180 cm



PISO 0/GROUND FLOOR

3

Palo de Campeche #2, 2025

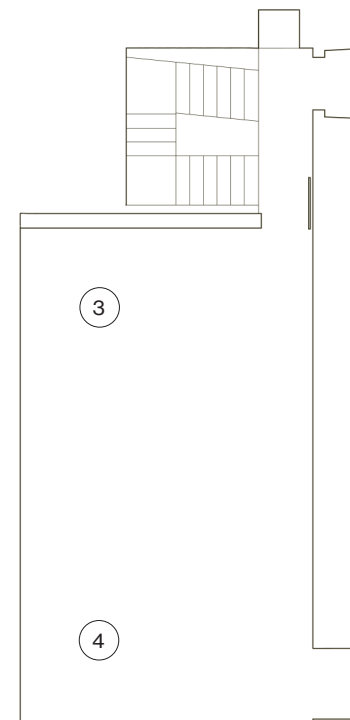
Cerâmica e aço inoxidável/ceramics and
stainless steel
90×50×155 cm

4

El Otro Color, 2025

Vídeo HD/HD video, cor/color, som/sound,
17'46"

Todas as obras são cortesia da artista/all
works are courtesy of the artist.



PISO 1/FIRST FLOOR